

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



PARA UMA PERIODIZAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL: DA SEGUNDA METADE DO 4^o MILÉNIO AOS FINAIS DO 3^o MILÉNIO AC

Susana Soares Lopes¹, Ana M. S. Bettencourt²

RESUMO

Tendo como base novas premissas e novos dados resultantes de projetos de investigação desenvolvidos para a Pré-história Recente, em diferentes áreas do Norte de Portugal, as autoras revisitam as diferentes periodizações elaboradas para o período compreendido entre a segunda metade do 4^o e os finais do 3^o milénios AC (os chamados Neolítico Médio/Final, Calcolítico e Bronze Antigo ou Inicial). A uma ampla escala de análise, reflete-se sobre as bases duma futura periodização conjunta para a região, destacando-se, na longa duração, continuidades e mudanças culturais.

Palavras-chave: Norte de Portugal, 4^o/3^o milénios AC, Periodização, Continuidade, Mudança.

ABSTRACT

Based on new premises and new data resulting from research projects developed for Late Prehistory in different areas of Northern Portugal, the authors review the different periodization's elaborated for the period between the second half of the fourth and the end of the third millennia BC (the so-called Middle/Late Neolithic, Chalcolithic and Early Bronze Age). A broad scale of analysis reflects on the basis of a future joint periodization for the region, highlighting, in the long run, cultural continuities and changes.

Keywords: North of Portugal, Fourth and third millennia BC, Periodization, Continuity, Change.

1. BREVE HISTÓRIA DA PERIODIZAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL

Durante grande parte do século 20 a Pré-história do Norte de Portugal, alheada de qualquer investigação de fundo, foi sendo integrada em sínteses clássicas de ampla escala, tendo como referência a Península Ibérica. Dado o carácter incipiente ou pouco contextualizado dos dados, estas sínteses foram construídas com base em critérios de continuidade e mudança tipológica e, por vezes, tecnológica das materialidades. São exemplos de tais sínteses, sem carácter de exaustividade, as obras de Bosch-Guimpera (1932a; 1932b); Santo Ollala (1941); MacWhite (1951); Harrison (1974); Ruíz-Gálvez Priego (1984);

Coffyn (1985); Ruíz-Gálvez Priego (1987). Cabe destacar, neste panorama, Savory (1951, 1974) que, apesar de adotar critérios tipológicos (artefactos metálicos e cerâmicos), recorre, igualmente, a alterações sepulcrais na construção do seu faseamento. Só na segunda metade da década de 80 do século 20, trabalhos de investigação, cientificamente conduzidos no Norte de Portugal, permitiram o aparecimento das primeiras periodizações regionais, tendo como critérios, segundo abordagens processuais, uma nova avaliação da “cultura material” e a identificação de alterações socioeconómicas.

É assim que, em 1986, S. O. Jorge desenha o primeiro esboço de síntese da Pré-história Recente do Norte de Portugal. Nela foi construído um faseamento tripartido entre o 4^o e o 2^o milénios AC, glo-

1. Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património – CEAACP; susanaojorge@yahoo.com.br

2. Laboratório de Paisagens, Património e Território – Lab2PT, Universidade do Minho; anabett@uaum.uminho.pt

balmente correspondente ao Neolítico, Calcolítico e Bronze Inicial. Esta primeira periodização, focada na progressiva consolidação do sistema agro-pastoril, enfatizava mais continuidades do que rupturas nas dinâmicas de longa duração. Em 1990, o Norte de Portugal foi integrado em várias sínteses sobre a Pré-história Recente do território português (Jorge, S.O., 1990a, 1990b, 1990c, 1990d), particularmente atentas às particularidades e assimetrias regionais dos processos de intensificação económica, hierarquização e complexificação social. O faseamento seguia as divisões clássicas (Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze e respectivas subdivisões internas), visando a captação, segundo uma visão marcadamente processual, da complexificação e generalização de intercâmbios suprarregionais. Nessa síntese, e no que ao Norte de Portugal dizia respeito, equilibravam-se as continuidades e as mudanças na longa duração, entre o 5º e o 1º milénios AC. Em 1995, no âmbito do livro que acompanhava a exposição “A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder”, o Norte de Portugal voltou a ser alvo duma síntese (Bettencourt, 1995). Desta vez, o faseamento proposto para a Idade do Bronze declarava uma ruptura entre o chamado Bronze Antigo (meados do 3º a inícios do 2º milénios AC) que se considerava em continuidade com o Calcolítico, e os designados Bronze Médio-Final, por volta de 1800/1700 AC. Tal mudança era fundamentada pelo surgimento de novos sistemas de interdependência sociopolítica a partir do Bronze Médio-Final. Esta periodização opunha-se à que estava subjacente à própria exposição (Jorge, S.O., 1995), na qual se propunha uma ruptura entre o Bronze Antigo-Médio e o Bronze Final, em torno de 1300/1200 AC. Tal descontinuidade, neste caso, apoiava-se na alteração das formas de visibilidade arqueológica do poder a partir do Bronze Final. De referir que as sínteses de 1995 enfatizaram, pela primeira vez, em geral, e relativamente ao Norte de Portugal, abordagens de mudança ou mesmo de fractura cultural, ainda que em momentos diversos do 2º milénio AC. Em 1997 foi publicada uma síntese sobre Trás-os-Montes e Alto Douro, dirigida para a periodização regional entre o 6º e os inícios do 2º milénios AC (Sanches, 1997). Trata-se de um trabalho particularmente interessado na problematização da relação das comunidades agro-pastoris com os diversos ecossistemas regionais, onde se constrói uma sequência que apartava o 6º/4º milénios AC (Neolítico-Calcolítico Inicial) do 3º/inícios do 2º mi-

lénios AC (Calcolítico Médio-Final/Bronze Inicial). A síntese de 1999 sobre a Pré-história Recente do território português (Jorge, S.O., 1999a) integrou o Norte de Portugal numa sequência particular cuja natureza convém sumariamente recordar. Em primeiro lugar, não abordava as sociedades do chamado Bronze Final, consideradas fora dos regimes de autarcia analisados no livro. Em segundo lugar, era construída em três capítulos, o primeiro dedicado às comunidades do 6º/5º milénios AC (Neolítico Antigo), o segundo às comunidades do 5º/4º milénios AC (Neolítico Médio-Final) e o terceiro às comunidades do 4º/3º/2º milénios AC (Calcolítico, Bronze Antigo e Médio). Em terceiro lugar, a síntese tinha como objetivo questionar o que se consideravam “mitos interpretativos” sobre a Pré-história Recente portuguesa, em cada um destes “blocos” temporais. O conteúdo breve do preâmbulo e dos capítulos seguintes suscitava a problematização do próprio conceito de “periodização”.

Em 2005, a propósito da exposição permanente da Sala de Arqueologia Pré-histórica do Museu D. Diogo de Sousa, publicam-se dois capítulos sobre a Pré-história Recente, desta feita, apenas para o Noroeste português (antigo Minho e Douro Litoral) (Bettencourt, 2005a; 2005b). No primeiro, aceita-se que os meados do 5º milénio AC (passagem do Neolítico Antigo para o Neolítico Médio/Final), correspondem a um momento de alterações significativas adotando-se, para a região, a periodização construída para outras áreas do Norte de Portugal. No entanto enfatizam-se, a partir dos finais do 4º até aos meados do 3º milénios AC (Calcolítico), alterações ideológicas e sociais que se teriam materializado em mudanças nas estratégias de povoamento, nos contextos e práticas funerárias e na circulação de alguns artefactos, numa lógica de estruturação do mundo que se afasta do período anterior (Bettencourt, 2005a). No segundo capítulo (Bettencourt, 2005b), cria-se uma grande etapa, com origem algures na segunda metade do 3º até finais do 2º milénios AC (Bronze Inicial/Médio), relacionada com novas alterações de povoamento, novas dinâmicas agro-pastoris, novas tecnologias e novos cenários de poder que, em continuidade, estariam na origem das alterações mais significativas notadas a partir dos finais do 2º milénio AC (Bronze Final). A inclusão da segunda metade do 3º milénio AC na primeira etapa, deveu-se, na altura, à falta de dados que, à época, existiam para esse momento.

Em 2006, no volume “História Antiga da Região Duriense” integrado na “História do Douro e do Vinho do Porto”, foram publicados vários textos de síntese relativos à Pré-história Recente do Douro e de Trás-os-Montes (Sanches, 2006; Jorge, S.O e Jorge, V.O., 2006a, 2006b). A periodização respeitava a tradicional divisão de outras sínteses prévias, enfatizando mudanças mais marcantes em meados do 5º milénio AC (início do chamado Neolítico Médio) e nos finais do 2º milénio AC (início do chamado Bronze Final).

Em 2009, surge nova síntese sobre a Pré-história Recente do Minho, região que abarca grande parte do Noroeste português (Bettencourt, 2009a), onde se opta, embora com reservas, por apresentar os dados inseríveis em três grandes períodos cronológico-culturais (Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze). Entre o 6º e os finais do 4º milénios AC insere-se o Neolítico e entre os finais do 4º e o terceiro quartel do 3º milénios AC o Calcolítico, momento, a partir do qual, se considera existirem alterações significativas na interação das comunidades com o meio. Neste momento a arquitetura dos mortos perde importância como elemento referencial no espaço e é substituída por outros cenários de poder (lugares “naturais” onde se verificam deposições, construções monumentais, lugares gravados, etc.). Considera-se, ainda, uma divisão tripartida para a Idade do Bronze. Embora se reconheça que o Bronze Inicial (entre a segunda metade do 3º e os inícios do 2º milénios AC) é o período de mais difícil identificação dada a escassez de povoados conhecidos, a autora questiona-se sobre se esta escassez não é mais aparente do que real e se não poderão ter persistido, durante esta fase, as cerâmicas tradicionalmente inseríveis no Calcolítico, em continuidade com o período anterior. Quanto ao Bronze Médio e Final, apesar de se reconhecerem elementos individualizadores, valorizam-se as continuidades, considerando-se, no entanto, que o ritmo das alterações sociais e materiais é maior a partir dos finais do 2º, inícios do 1º milénios AC (Bronze Final). Serão os postulados assumidos neste texto que servirão de base para a síntese sobre as práticas funerárias da Idade do Bronze no Norte-Centro de Portugal que se publica em 2010 (Bettencourt, 2010). Aí o Bronze Antigo assume-se como tendo decorrido entre 2300/2200 e 1700/1600 AC. Por sua vez, por volta de 1700/1600 AC, e em descontinuidade com o período anterior, ter-se-ia desenvolvido um ou-

tro “bloco” de práticas funerárias articulado com o Bronze Médio-Final, cujo fim decorreria por volta de 600 AC. Finalmente, em 2013 foi publicada uma síntese sobre a Pré-história do Noroeste Português (Bettencourt, 2013a). O texto, submetendo-se à grelha geral classificativa da Pré-história Recente (Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze - Antigo, Médio, Final), revelou-se a primeira síntese de longa duração para o Noroeste de Portugal (antigas províncias do Minho e Douro Litoral), ensaiando-se a avaliação de dados antigos e recentes num primeiro quadro de conjunto atualizado. Acrescente-se a publicação, em 2015, dum trabalho exaustivo sobre a Pré-história Recente da Bacia Hidrográfica do Douro (Vieira, 2015), que, não sendo uma síntese, tal como as referidas anteriormente, disponibilizou imensos dados que foram seletivamente considerados na construção deste texto.

Em suma, nos últimos trinta anos a Pré-história Recente do Norte de Portugal foi objecto de várias periodizações integradas em diversas sínteses, mais ou menos regionais. No que ao período em análise diz respeito, entre os vários autores, é relativamente consensual a individualização de uma etapa com grande pujança monumental durante grande parte do 3º milénio AC (que se tem designado por Calcolítico), embora a sua emergência e etapa final sejam alvo de nuances em diversas publicações. Mais difícil de identificar tem sido o período subsequente, ou seja, aquele que se desenrola entre a segunda metade e finais do 3º milénio AC e que, para alguns autores, corresponde à emergência do designado Bronze Antigo ou Inicial, em continuidade ou não com o período precedente (Jorge, S.O., 1990c, 1999a; Bettencourt, 1995, 2009; Sanches, 1997).

No quadro destas problemáticas justificam-se os objetivos deste texto que visa caracterizar as sociedades existentes no Norte de Portugal, entre os finais do 4º e os finais do 3º milénio AC, tentando identificar fenómenos de continuidade ou mudança, numa ampla escala de análise.

2. SOCIEDADES DA SEGUNDA METADE DO 4º MILÉNIO A FINAIS DO 3º MILÉNIO AC NO NORTE DE PORTUGAL

As reflexões que se seguem dizem respeito a uma ampla escala temporal, entre a segunda metade do 4º milénio AC (o que convencionalmente abrange a passagem do Neolítico Final ao Calcolítico Inicial) e

os finais do 3º milénio AC (correspondendo à transição entre o chamado Calcolítico e o Bronze Inicial). Por outro lado, tomam o Norte de Portugal como um todo, apesar de, em diversos pontos do texto, se acentuarem assimetrias de evolução cultural entre o Noroeste litoral (antigas províncias do Minho e Douro Litoral) e o interior (antiga província de Trás-os-Montes e Alto Douro). No âmbito destas duas grandes regiões também se estabelecem diferenças entre áreas que, por terem sido melhor investigadas, forneceram dados para uma comparação de ampla escala na longa duração. Apesar da debilidade da cronologia absoluta – número restrito de datas de C14, algumas delas com excessivos intervalos de confiança, ou relativas a contextos problemáticos e/ou insuficientemente pesquisados – cremos que existe um número suficiente de dados para, uma vez cruzados e avaliados na sua dimensão histórica, possibilitarem uma reflexão de ampla escala sobre fases de transição e momentos de reconfiguração cultural.

2.1. Povoados

Os povoados desta primeira fase reportam-se, de diversas maneiras, consoante as regiões, a diferentes dinâmicas de consolidação das práticas agro-silvo-pastoris.

Em todas as regiões se conhecem ocupações, datadas pelo radiocarbono desde, genericamente, os finais do 4º aos finais do 3º milénios AC, embora sejam raras as que se inserem na segunda metade deste milénio (Tabs. 1.1, 1.2). Este quadro, no entanto, pode dissimular uma ocupação contínua e global em toda a região, se tivermos em conta outros contextos que serão posteriormente descritos.

Para Trás-os-Montes Ocidental é de destacar os povoados de Vinha da Soutilha, em Chaves, e de Castelo de Aguiar, em Vila Pouca de Aguiar (Jorge, S.O., 1986). Para Trás-os-Montes Oriental salientam-se os povoados do Barrocal Alto, em Mogadouro, e de Cemitério de Mouros, em Mirandela (Sanches, 1992, 1997). Para o Alto Douro, especificam-se, por exemplo, os povoados do Tourão da Ramila, em Vila Nova de Foz Côa e de Barrocal Tenreiro, em Figueira de Castelo Rodrigo (Carvalho, 2003). No litoral há a evidenciar os povoados de Bitarados, em Esposende, Covelinhos, em Braga, e Boucinhas, em Ponte de Lima (Bettencourt, 2009a; 2013a).

O que é comum a todos os povoados do Norte de Portugal nesta fase, com exceção de Boucinhas, no litoral e de Cemitério de Mouros, no interior, ambos

do último quartel do 3º milénio AC, é a existência duma cerâmica doméstica abundantemente decorada. Profusamente decorada em certas regiões, como no litoral minhoto e nas regiões de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (nesta última área as cerâmicas decoradas podem oscilar entre 80% e 90% da amostragem total), medianamente decorada (bacia de Mirandela), ou menos decorada nas restantes regiões, sendo que, mesmo nestas circunstâncias, a decoração pode atingir os 20%. A estilística da cerâmica doméstica do Norte de Portugal encontra-se em relação direta com mecanismos de inserção territorial e consolidação identitária. Na região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar, aonde foi estudada a evolução do quatro povoados, desde finais do 4º milénio a finais do 3º milénio AC, foi demonstrada a correlação entre a progressiva decoração da cerâmica, a descida para lugares com potencial desempenho agro-pastoril e a manipulação e o intercâmbio de matérias-primas raras e/ou estranhas à região. Por outro lado, desde os inícios do 3º milénio AC, sobre o fundo de decorações de tradição neolítica, tornou-se dominante, na cerâmica, uma organização incisa/imprensa metopada, cujo papel simbolicamente ativo foi notório no processo de afirmação identitária das comunidades desta região. Em outras regiões do interior transmontano e no Alto Douro uma organização decorativa diferente –penteada aditiva– assumiu ao longo do 3º milénio AC papel social equivalente ao da organização incisa/imprensa metopada do litoral e de Chaves, isto é, expressar e reforçar identidade. O papel da estilística cerâmica não se esgota, como veremos, nos povoados. Trata-se dum dispositivo de poder social que, arrancando no 4º milénio AC, ainda no Neolítico Final, se afirma ao longo do 3º milénio AC, para desaparecer, em regra, no final do milénio.

2.2. Lugares com funções cerimoniais

Durante esta fase, para além de lugares sepulcrais e de lugares com arte rupestre de que falaremos adiante, surgem lugares específicos com funções cerimoniais. Referimo-nos a recintos murados monumentais, a recintos de fossos, a abrigos albergando deposições e a um recinto com estelas, que podem ter servido propósitos cerimoniais diferenciados (Tabs. 2.1 a 2.4).

Os recintos murados são lugares de altura cuja localização e dimensão “rasga” pela primeira vez a paisagem. Podem ser “vistos” de longe e dominam

Tabela 1.1 – Datas de radiocarbono para povoados do 4º/3º milénio AC no interior³.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma (68.2)	2 Sigma (95.4)	Contexto	Bibliog.
Cast. Aguiar	UGRA -179	4700±100	3631-3565 (18.5%) 3536- 3483 (16.2%) 3476-3370 (33.4%)	3695-3318 (88.7%) 3273-3266 (0.3%) 3236-3111 (6.4%)	Povoado Cam. 6	Jorge, S.O. 1986
Vinha da Soutilha	Ly-3377	4690±140	3648-3336 (65.4%) 3208-3194 (1.8%) 3149-3140 (1.8%)	3766-3079 (93.6%) 3071-3024 (1.8%)	Povoado	Jorge, S.O. 1986
Vinha da Soutilha	UGRA-133	4650±150	3636-3326 (56%) 3229-3225 (0.5%) 3220-3174 (6.2%) 3160-3120 (5.6%)	3704-3006 (93.2%) 2988-2931 (2.2%)	Povoado	Jorge, S.O. 1986
Vinha da Soutilha	UGRA-178	4370±140	3331-3214 (17.7%) 3186-3156 (4.2%) 3127-2884 (46.3%)	3496-3461 (1.2%) 3376-2620 (94.2%)	Povoado	Jorge, S.O. 1986
Tourão da Ramila,	Beta - 137944	4450±40	3324-3233 (31.8%) 3172-3162 (3.2%) 3118-3078 (14.3%) 3072-3024 (18.9%)	3338-3206 (39%) 3196-3007 (50.7%) 2986-2932 (5.7%)	Povoado	Carvalho, 2003
Barrocal Alto	ICEN-414	4370±45	3078-3073(2.1%) 3024-2916 (66.1%)	3264-3246 (1.6%) 3101-2894 (93.8%)	Povoado	Sanches, 1992
Barrocal Alto	CSIC-728	4100±60	2858- 2810 (16.1%) 2752-2722 (8.8%) 2701-2574 (43.3%)	2876-2558 (87.8%) 2536-2491 (7.6%)	Povoado	Sanches, 1992
Barrocal Tenreiro	Beta -137942	4010±40	2572-2512(48.2%) 2504-2478(20%)	2832-2820 (0.9%) 2632-2461(94.5%)	Povoado, Cam. 3	Carvalho, 2003
Cast. Aguiar	UGRA-185	3900±180	2624-2132 (66.1%) 2082-2059 (2.1%)	2885-1926 (95.4%)	Povoado Cam. 4 (base)	Jorge, S.O. 1986
Cast. Aguiar	UGRA-181	3730±140	2342-1942 (68.2%)	2560-2536 (0.8%) 2491-1756 (94.6%)	Povoado Cam. 4 (topo)	Jorge, S.O. 1986
Cemitério Mouros	ICEN -788	3750±80	2286-2036 (68.2%)	2456-2418 (2.9%) 2408-2374 (2.9%) 2368-1952 (89.6%)	Povoado	Sanches, 1997

Tabela 1.2 – Datas de radiocarbono para povoados do 3º milénio AC no litoral.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma (68.2)	2 Sigma (95.4)	Contexto	Bibliog.
Bitarados 1	AA63067	4125±51	2862-2807 (20.6%) 2758-2718 (14.5%) 2708-2620 (33.2%)	2878-2572 (95.4%)	Povoado Cam.4	Bettencourt <i>et al.</i> , 2007
Bitarados 2	AA63066	4122±43	2860-2808 (20.5%) 2755-2720 (13.5%) 2704-2620 (34.2%)	2872-2578 (95.4%)	Povoado Cam.3	Bettencourt <i>et al.</i> , 2007
Bitarados 3	AA63065	4046±42	2624-2548 (39.4%) 2540-2489 (28.8%)	2850-2812 (7.1%) 2741- -2730 (0.9%) 2694- -2686 (0.6%) 2680- -2470 (86.8%)	Povoado Cam.2 (última ocupação)	Bettencourt <i>et al.</i> , 2007
Covelinhos	AA63062	4085±43	2848-2813 (13.7%) 2737-2734 (0.8%) 2692-2688 (1.1%) 2679-2570 (49%) 2514-2502 (3.6%)	2865-2804 (18.1%) 2762-2549 (67.7%) 2538-2490 (9.6%)	Povoado Primeira ocu- pação	Inédita
Covelinhos	AA63063	3969±63	2574-2436 (55.5%) 2420-2404 (4.7%) 2378-2350 (8.0%)	2834-2818 (1.0%) 2662-2646 (0.8%) 2637-2286 (93.2%) 2246- 2236 (0.4%)	Povoado Segunda e última ocupação	Inédita
Boucinhas	AA63072	3739±50	2206-2116 (42.5) 2098-2038 (25.7)	2294-2016 (94%) 1996-1980 (1.4%)	Povoado de fos- sas	Bettencourt, 2010a

3. Datas calibradas segundo a curva de calibração de Reimer *et al.* (2013) e o programa OxCal4.3.

visualmente os territórios. Aglutina-os o tipo de localização e o facto de se constituírem como arquiteturas de acesso condicionado construído.

Foram intervencionados dois recintos murados no Alto Douro e ambos em Vila Nova de Foz Côa: Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge, S.O., 1994, 2005; Lopes, no prelo) e Castanheiro de Vento (Cardoso, 2007; Vale, 2011), construídos ambos na primeira metade do 3º milénio AC e reutilizados, segundo abordagens cerimoniais similares, provavelmente até finais do 3º milénio AC (Tabs. 1.2, 2.2). Em Trás-os-Montes Oriental foi objecto de estudo o recinto murado de Castro de Palheiros, em Murça (Sanches, 2008), também construído e reutilizado desde os inícios até aos finais do 3º milénio (Tab. 2.3).

No litoral, foi alvo de estudo o recinto murado da Sola I, em Braga, infelizmente muitíssimo destruído, mas portador de uma estrutura pétrea basal significativa, que parecia rodear a colina, pelos menos, pela sua metade norte, nordeste, este e sudeste (Tab. 2.4). No recinto da Sola I foram encontradas escasas cerâmicas incisadas metopadas. Possuímos apenas uma data de radiocarbono que indicia o seu uso, algures, entre 2893-2334 AC (Bettencourt, 2000, 2009a, 2013a). Corresponderão os quatro recintos investigados à ponta dum icebergue constituído por “lugares especiais” polarizadores da coesão social através de novas práticas cerimoniais assinaladas exclusivamente no 3º milénio AC.

Tabela 2.1 – Datas de radiocarbono para lugares com funções cerimoniais do 3º milénio AC.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma	2 Sigma	Contexto	Bibliografia
Castelo Velho	Sac-1518	4130±80	2868-2803 (19.3%) 2777-2620 (46.9%) 2604-2600 (1.2%) 2592-2589 (0.8%)	2892-2558 (89.6%) 2536-2491 (5.8%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002
Castelo Velho	Icen-785	4110±60	2859-2809 (16.8%) 2753-2721 (10.0%) 2702-2579 (41.4%)	2878-2565 (90.5%) 2532-2496 (4.9%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002
Castelo Velho	CSIC-1706	4073±45	2838-2814 (9.5%) 2676-2565 (48.5%) 2525-2496 (10.3%)	2862-2807 (14.9%) 2758-2718 (6.7%) 2706-2480 (73.8%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002
Castelo Velho	Ua-20637	4020±40	2576-2484 (68.2%)	2833-2819 (1.7%) 2660-2650 (0.8%) 2634-2465 (92.9%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	ICEN-1165	3990±100	2834-2818 (2.3%) 2661-2448 (1.8%) 2636-2340 (64.1%)	2870-2802 (7.1%) 2779-2273 (85.2%) 2256-2208 (3.1%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002
Castelo Velho	ICEN-536	3980±120	2834-2818 (2.2%) 2662-2446 (2.1%) 2637-2294 (63.9%)	2876-2198 (95%) 2162-2152 (0.4%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	Ua-20631	3975±40	2568-2518 (38.3%) 2499-2464 (29.9%)	2580-2391 (89.4%) 2386-2346 (6.0%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	Ua-17647	3945±75	2568-2518 (14.5%) 2499-2338 (51.5%) 2318-2310 (2.1%)	2833-2819 (0.7%) 2660-2650 (0.4%) 2634-2202 (94.3%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002
Castelo Velho	Ua-20628	3945±45	2562.2535 (11.0%) 2492-2431 (32.2%) 2424-2402 (10.1%) 2381-2348 (14.9%)	2571-2512 (18.3%) 2504-2298 (77.1%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	Ua-20634	3945±45	2562-2535 (11%) 2492-2431 (32.2%) 2424-2402 (10.1%) 2381-2348 (14.9%)	2571-2512 (18.3%) 2504-2298 (77.1%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	Ua-20632	3940±40	2548-2540 (3.0%) 2489-2400 (47.7%) 2382-2348 (17.5%)	2568-2520 (13.2%) 2499-2332 (77.4%) 2326-2299 (4.8%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	CSIC-1655	3917±34	2470-2398 (44.9%) 2384-2347 (23.3%)	2486-2293 (95.4%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002
Castelo Velho	Ua-20630	3905±40	2466-2346 (68.2%)	2488-2280 (93.5%) 2250-2232 (1.6%) 2218-2214 (0.3%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003

Tabela 2.1 (Continuação)

Castelo Velho	Ua-20635	3895±40	2463-2340 (68.2%)	2476-2278 (91.8%) 2251-2229 (2.7%) 2220-2210 (1.0%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	Ua-20629	3880±45	2456-2334 (56.9%) 2325-2300 (11.3%)	2472-2272 (85.7%) 2258-2207 (9.7%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	Ua-17648	3850±75	2456-2417 (11.3%) 2408-2272 (41.8%) 2258-2208 (15.0%)	2558-2536 (1.2%) 2491-2129 (91.9%) 2087-2048 (2.3%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002
Castelo Velho	CSIC-1813	3793±34	2286-2197 (57.0%) 2168-2148 (11.2%)	2344-2132 (94.1%) 2080-2061 (1.3%)	Recinto murado	Jorge, S.O., 2003
Castelo Velho	CSIC-1333	3650±28	2116-2098 (11.1%) 2038-1964 (57.1%)	2134-2080 (23.3%) 2061-1941 (72.1%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002

Tabela 2.2 – Datas de radiocarbono para lugares com funções cerimoniais do 3º milénio AC.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma	2 Sigma	Contexto	Bibliografia
Castanheiro do Vento	Ua-22456	4400±65	3263-3244 (4.4%) 3101-2914 (63.8%)	3334-3212 (20.4%) 3191-3152 (4.7%) 3136-2900 (70.3%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-20455	4145±45	2867-2834 (13.3%) 2818-2804 (5.6%) 2776-2662 (45.2%) 2648-2636 (4.1%)	2879-2617 (90.8%) 2610-2582 (4.6%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18039	4140±75	2871-2801 (20.4%) 2780-2626 (47.8%)	2894-2564 (91.7%) 2532-2496 (3.7%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-22460	4095±50	2854-2812 (15.3%) 2746-2726 (6.1%) 2696-2574 (46.9%)	2872-2562 (88.3%) 2534-2492 (7.1%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-22455	4090±50	2852-2812 (14.3%) 2744-2726 (4.8%) 2696-2572 (47.2%) 2512-2505 (1.8%)	2871-2801 (19.4%) 2780-2550 (67.1%) 2538-2490 (8.9%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-23432	4095±40	2850-2813 (15.2%) 2741-2730 (3.4%) 2694-2686 (2.3%) 2680-2576 (47.3%)	2866-2803 (20.5%) 2777-2565 (70.3%) 2524-2496 (4.6%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18041	4065±70	2848-2813 (9.7%) 2738-2733 (1.0%) 2692-2688 (0.9%) 2680-2488 (56.6%)	2872-2469 (95.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-23426	4060±40	2834-2818 (5.8%) 2661-2648 (4.0%) 2636-2562 (39.1%) 2534-2492 (19.2%)	2852-2812 (10.3%) 2744-2726 (2.2%) 2696-2476 (82.9%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-23662	4050±50	2832-2820 (3.8%) 2632-2488 (64.4%)	2858-2809 (10.1%) 2752-2722 (3.6%) 2701-2469 (81.7%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-20457	4045±50	2830-2822 (2.9%) 2630-2482 (65.3%)	2858-2810 (9.0%) 2750-2722 (2.9%) 2700-2468 (83.5%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-20453	4040±45	2620-2488 (68.2%)	2851-2812 (6.6%) 2742-2728 (1.1%) 2694-2468 (87.8%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-20454	4035±40	2618-2609 (4.3%) 2583-2488 (63.9%)	2836-2816 (3.7%) 2671-2468 (91.7%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-33630	4025±35	2576-2488 (68.2%)	2830-2822 (1.1%) 2630-2468 (94.3%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-22458	4020±80	2840-2814 (5.1%) 2677-2460 (63.1%)	2870-2802 (9.3%) 2780-2336 (85.1%) 2323-2307 (0.9%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007

Tabela 2.2 (Continuação)

Castanheiro do Vento	Ua-22459	4010±50	2578-2471 (68.2%)	2840-2813 (2.8%) 2678-2432 (89.6%) 2423-2402 (1.2%) 2380-2348 (1.8%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-22452	4010±40	2572-2512 (48.2%) 2504-2478 (20%)	2832-2820 (0.9%) 2632-2461 (94.5%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18697	4005±60	2620-2464 (68.2%)	854-2812 (4.2%) 2745-2726 (1.1%) 2696-2342 (90.1%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-32081	4000±40	2569-2516 (46.0%) 2500-2474 (22.2%)	2831-2821 (0.5%) 2630-2454 (94.0%) 2418-2408 (0.5%) 2374-2368 (0.2%) 2361-2356 (0.2%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18695	3999±65	2828-2824 (0.7%) 2626-2457 (66.6%) 2416-2410 (0.9%)	2852-2812 (4.1%) 2744-2726 (1.1%) 2696-2333 (88.7%) 2325-2300 (1.5%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-32088	3990±40	2568-2518 (42.9%) 2499-2470 (25.3%)	2621-2450 (92%) 2420-2404 (1.3%) 2378-2350 (2.1%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-20451	3980±40	2568-2517 (40.3%) 2500-2466 (27.9%)	2618-2610 (0.6%) 2582-2399 (90.4%) 2382-2347 (4.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18044	3975±75	2580-2390 (59%) 2386-2346 (9.2%)	2852-2812 (2.9%) 2744-2726 (0.8%) 2696-2278 (90%) 2251-2229 (1.2%) 2220-2210 (0.5%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18696	3975±60	2577-2452 (57.7%) 2419-2406 (3.6%) 2377-2350 (6.9%)	2834-2818 (1.0%) 2662-2648 (0.7%) 2636-2290 (93.6%)	Recinto murado	Jorge V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-20450	3970±45	2572-2511 (35.7%) 2506-2456 (30.8%) 2416-2410 (1.7%)	2617-2610 (0.5%) 2581-2338 (94.0%) 2321-2309 (0.9%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18703	3935±60	559-2536 (7.1%) 2491-2340 (61.1%)	2578-2277 (92.3%) 2252-2228 (2.2%) 2222-2210 (0.9%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-23431	3910±45	2470-2340 (68.2%)	2561-2536 (2.5%) 2492-2280 (90.6%) 2250-2232 (1.9%) 2218-2214 (0.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-32080	3895±40	2463-2340 (68.2%)	2476-2278 (91.8%) 2251-2229 (2.7%) 2220-2210 (1.0%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-32083	3890±45	2462-2338 (62.7%) 2322-2310 (5.5%)	2476-2272 (88%) 2258-2207 (7.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18702	3880±60	2462-2292 (68.2%)	2558-2536 (1.5%) 2491-2196 (92.5%) 2168-2148(1.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-33631	3855±35	2452-2420 (11.9%) 2405-2378 (11.8%) 2350-2281(36.1%) 2249-2232 (7.0%) 2218-2214 (1.4%)	2461-2269 (78.4%) 2260-2206 (17%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-23429	3850±40	2436-2420 (6.0%) 2404-2378 (10.5%) 2350-2276 (35.7%) 2253-2210 (15.9%)	2460-2204 (95.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007

Tabela 2.2 (Continuação)

Castanheiro do Vento	Ua-32079	3820±40	2338-2200 (68.2%)	2457-2416 (5.9%) 2409-2191 (81.4%) 2180-2142 (8.2%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-32084	3815±45	2340-2198 (63.2%) 2166-2150 (5.0%)	2457-2416 (6.0%) 2410-2138 (89.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18042	3810±75	2431-2424 (1.5%) 2402-2381 (4.6%) 2348-2140 (62.1%)	2468-2112 (87.3%) 2102-2036 (8.1%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2003
Castanheiro do Vento	Ua-18040	3790±60	2338-2321 (3.8%) 2310-2134 (63.7%) 2068-2065 (0.7%)	2457-2416 (4.6%) 2410-2116 (81.1%) 2099-2038 (9.7%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18701	3790±60	2338-2321 (3.8%) 2310-2134 (63.7%) 2068-2065 (0.7%)	2457-2416 (4.6%) 2410-2116 (81.1%) 2099-2038 (9.7%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-23428	3740±40	2203-2126 (45.6%) 2090-2045 (22.6%)	2284-2247 (7.5%) 2234-2029 (87.9%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-33632	3725±30	2196-2170 (17.7%) 2146-2124 (15.6%) 2091-2044 (34.9%)	2203-2032 (95.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-23430	3720±40	2196-2170 (14.1%) 2146-2116 (17.4%) 2098-2038 (36.7%)	2275-2255 (2.3%) 2210-2016 (91.4%) 1996-1980 (1.7%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-18043	3715±75	2267-2260 (1.4%) 2206-2016 (63.3%) 1996-1980 (3.5%)	2342-1900 (95.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Ua-32087	3630±45	2114-2100 (5.2%) 2037-1930 (63.0%)	2135-1890 (95.4%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007
Castanheiro do Vento	Sac-2018	3580±80	2034-1870 (53.6%) 1846-1811 (8.2%) 1804-1776 (6.4%)	2191-2180 (0.6%) 2142-1737 (93.6%) 1714-1696 (1.3%)	Recinto murado	Jorge, V.O. <i>et al.</i> , 2003; Cardoso, 2007

Nos recintos do Alto Douro e de Trás-os-Montes práticas estão associadas a deposições intencionais de variada natureza: por ex., vasos inteiros ou partidos, depositados no interior de estruturas pétreas ou fossas (por vezes acompanhados de artefactos líticos), ou então, como em Castelo Velho de Freixo de Numão, a deposição intencional quer de artefactos inteiros (vasos cerâmicos e um machado de cobre) quer, em dois contextos fechados, de fragmentos cerâmicos, pesos de tear, sementes carbonizadas de trigo, restos de esqueletos humanos, fauna, etc.. A deposição intencional de fragmentos de “coisas”, nomeadamente a de fragmentos cerâmicos em Castelo Velho de Freixo de Numão, levantou a problematização da natureza social de tal prática no quadro dum dispositivo identitário específico do 3º milénio AC (Jorge, S.O., 2014; McFayden, 2016). Na Beira Alta, os recintos de Castro de Santiago e Fraga da Pena, em Fornos de Algodres, ambos integrados, respetivamente, na primeira metade do 3º milénio AC e nos finais do 3º/inícios do 2º milénios AC constituem, pela similaridade geral com os do Norte de Portugal e pela problemática desenvolvida

sobre as ações cerimoniais ali praticadas, excelentes paralelos para a compreensão da função congregadora destes dispositivos de poder no interior de regimes antigos de autarcia (Valera, 2007, 2016). A cerâmica existente nos recintos murados investigados é variada e apresenta elevados níveis de decoração, segundo os padrões estilísticos das cerâmicas das respetivas regiões em que se inserem. Não ocorrem apenas cerâmicas locais (predominando nestas a organização penteada aditiva), como surgem cerâmicas campaniformes, as quais estão datadas em Castro de Palheiros e em Castelo Velho de Freixo de Numão da primeira metade do 3º milénio AC. Aqui surgiu, por ex., campaniforme cordado, extremamente raro a nível peninsular (Jorge, S.O., 2002). Tal como nos povoados, nos recintos murados também pode ocorrer cerâmica oculada. Enfim, o papel social preciso da estilística cerâmica nestes recintos, só poderá ser esclarecido através de programas de investigação destinados a recuperar a rede de povoamento, não apenas no sentido de lugares contemporâneos a nível local e regional, mas de lugares contemporâneos simbolicamente conec-

tados, destinados, pelas ações diferenciadas que foram integrando, a reforçar os laços identitários das comunidades que os construíram e usaram.

Ao universo dos recintos murados acrescenta-se a recente descoberta do recinto com fossos da Forca, na Maia (Valera e Rebuge, 2008; Bettencourt, 2010b, 2013a; Bettencourt e Luz, 2013), cuja singularidade no Norte de Portugal nos aconselha, de momento, a esperar por um estudo consequente com a sua potencial importância no quadro dos lugares multifuncionais desta região (Tab. 2.4). No entanto, devemos salientar que o recinto da Forca ocupa vários hectares e que a sua arquitetura final (com distintos tipos de fossos, alguns com vestígios de terem servido para conter paliçadas de troncos de grande porte) teria resultado de uma longa diacronia de ocupação ou visitaçao. No interior deste vasto recinto existiam pequenos valados, buracos de poste, fossas e

lareiras. O grande investimento construtivo ter-se-á verificado no 3º milénio AC, como se depreende pela data de radiocarbono de entre 2610-2340 AC (Bettencourt, 2010b) e pela data de luminescência de entre 2414-2228 AC (Valera e Rebuge 2008).

As diferentes ações aí realizadas implicaram a manipulação de inúmeros recipientes cerâmicos lisos ou com decorações de fundo neolítico (triângulos incisos preenchidos com puncionamentos), assim como decorações incisivas/impresas metopadas ou com padrões reticulados. De exceção são as decorações penteadas em associação com mamilos plásticos e o campaniforme cordado (Bettencourt 2010b; Bettencourt e Luz, 2013). A este acervo associam-se muitíssimos artefactos líticos, alguns deles em matérias-primas exógenas ou raras na região (como o sílex, o anfíbolito e o quartzo hialino), ossadas de ovicaprinos e conchas.

Tabela 2.3 – Datas de radiocarbono para lugares com funções cerimoniais do 3º milénio AC.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma	2 Sigma	Contexto	Bibliografia
Crasto de Palheiros	CSIC-1963	4129±42	2861-2808 (20.7%) 2757-2718(15.0%) 2706-2624 (32.4%)	2872-2580 (95.4%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	CSIC-1280	4087±34	2839-2814 (12.5%) 2676-2572 (55.7%)	2861 (18.5%) 2807 2757 (7.3%) 2718 2705-2564 (63.3%) 2532 (6.3%) 2495	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	Ua-22212	4065±45	2835-2816 (7.1%) 2667-2563 (45.5%) 2534-2494 (15.6%)	2859-2809 (12.8%) 2752-2722 (4.7%) 2701- -2475 (77.9%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	Ua-18528	4060±50	2834-2817 (6.2%) 2664-2550 (43.6%) 2536-2490 (18.3%)	2861-2807 (12.4%) 2757-2718 (5.4%) 2706-2472 (77.7%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	CSIC-1617	4046±29	2620-2562 (36.3%) 2534-2492(31.9%)	2833-2818 (3.1%) 2660-2650 (1.5%) 2634-2476 (90.8%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	Ua-22284	4035±45	2619-2606 (5.7%) 2600-2482 (62.5%)	2850-2812 (5.6%) 2741-2730 (0.7%) 2694-2686 (0.5%) 2680-2466 (88.6%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	CSIC-1964	3950±42	2564-2533 (14.6%) 2494-2435 (33.5%) 2420-2404 (7.4%) 2379-2349 (12.6%)	2572-2512 (22.0%) 2505-2334 (70.4%) 2324-2302 (3.0%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	Ua-22213	3935±45	2488-2346 (68.2%)	2569-2516(12.1%) 2500-2292 (83.3%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	Ua-18529	3920±50	2475-2338 (65.5%) 2318-2310 (2.7%)	2568-2518 (7.2%) 2499-2280 (86%) 2250-2231 (1.8%) 2218-2214 (0.4%)	Recinto murado	Sanches, 2008
Crasto de Palheiros	Sac-1971	3895±45	2464-2338 (64.5%) 2321-2310 (3.7%)	2482-2273 (89.3%) 2256-2208 (6.1%)	Recinto murado	Sanches, 2008

Tabela 2.4 – Datas de radiocarbono para lugares com funções cerimoniais do 3º milénio AC.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma	2 Sigma	Contexto	Bibliografia
Sola I	Icen-1007	4060±110	2859-2809 (10.5%) 2752-2721 (6.0%) 2702-2473 (51.7%)	2893-2334 (94.5%) 2324-2306 (0.9%)	Recinto murado	Bettencourt, 2000
Forca	Beta-258088	3980±50	2576-2460 (68.2%)	2625-2337 (94.5%) 2322-2308 (0.9%)	Recinto de fossos (campaniforme)	Bettencourt, 2010b

Em Trás-os-Montes Oriental, em Cabeço da Mina, Vila Flor (Sousa, 1996, 1997; Sanches, 1997, 2011; Jorge, S.O., 1999b), foi identificado um provável recinto com estelas, localizado no topo dum morro (hipótese fundamentada em foto aérea, apresentada por Sousa, 1996, 1997) que se ergue na planície aluvial dum tributário da margem norte do rio Douro. Apesar de o sítio não ter tido, ainda, uma intervenção arqueológica apropriada à grande importância do lugar (trata-se do único recinto do género e desta época, conhecido na Península Ibérica), ele revelou um apreciável número de estelas similares às de outras regiões interiores peninsulares e do sul de França. São estelas de pequenas dimensões, algumas delas possuindo a gravação, segundo um grande esquematismo estilístico, de motivos anatómicos (olhos, nariz, boca, braços, eventualmente pernas e sexo) e de motivos complementares (cintos, colares, insígnias, etc.). As armas estão ausentes. Podendo ter sido concebido no 4º milénio AC, o recinto do Cabeço da Mina terá sido usado ao longo do 3º milénio AC, tendo, por isso, sido contemporâneo de recintos murados do Alto Douro e de Trás-os-Montes Oriental, com os quais deve ter estado culturalmente conectado. Aliás, quer em Castelo Velho de Freixo de Numão quer em Castanheiro do Vento foram detectadas estelas de xisto e de granito sem decoração. Por outro lado, estelas estilisticamente

similares às de Cabeço da Mina, foram reconhecidas, desde há muito, em Trás-os-Montes e Alto Douro, integrando-se num grupo de estelas/estátuas menires do 3º milénio AC que abrange também as regiões de Salamanca-Cáceres e o Alto Alentejo.

No interior transmontano, conhecemos o importante abrigo do Buraco da Pala, integrado na Serra de Passos, Mirandela (Sanches, 1997). Neste último abrigo, cuja abertura é visível a uma grande distância, foram identificadas, durante a primeira metade do 3º milénio AC (Tab. 2.5), sucessivas deposições de vasos cerâmicos (profusamente decorados) contendo ou associados a grandes quantidades de sementes de trigo, cevada, fava e bolota. Tais deposições deverão ter ocorrido no seio de complexas encenações rituais, de que terão feito parte incêndios intencionalmente controlados. Algures, nos finais da primeira metade do 3º milénio AC, um último incêndio terá condenado o espaço interior do abrigo destinado às deposições ritualmente encenadas de bens alimentares. Não é possível dissociar tais práticas cerimoniais de pinturas esquemáticas inscritas quer dentro do próprio abrigo do Buraco da Pala quer em vários abrigos com pintura esquemática na Serra de Passos. A arte rupestre terá, neste caso, como em muitos outros, funcionado como parte integrante de poderosos cenários visuais que presidiaram ao reforço da congregação comunitária.

Tabela 2.5 – Datas de radiocarbono para lugares com funções cerimoniais do 3º milénio AC.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma	2 Sigma	Contexto	Bibliografia
Buraco da Pala	CSIC-867	4170±55	2878-2840 (14.4%) 2814-2677 (53.8%)	2892-2618 (93.2%) 2608-2598 (1.2%) 2594-2586 (1.0%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	GrN-19102	4130±40	2862-2808 (20.5%) 2757-2718 (15.3%) 2706-2625 (32.4%)	2872-2616 (88.9%) 2610-2581 (6.5%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	ICEN-310	4120±80	2864-2806 (17.0%) 2760-2580 (51.2%)	2887-2550 (88.5%) 2537-2490 (6.9%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	CEN-594	4120±70	2863-2806 (17.3%) 2758-2717 (12.3%) 2710-2580 (38.6%)	2886-2561 (89.7%) 2536-2492 (5.7%)	Abrigo	Sanches, 1997

Tabela 2.5 (Continuação)

Buraco da Pala	ICEN-311	4120±50	2860-2808 (18.9%) 2756-2720 (12.5%) 2704-2618 (31.6%) 2608-2598 (2.7%) 2594-2585 (2.6%)	2876-2572 (94.8%) 2510-2506 (0.6%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	ICEN-934	4110±120	2872-2571 (66.4%) 2512-2504 (1.8%)	2999-2994 (0.1%) 2928-2334 (94.6%) 2325-2300 (0.7%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	CEN-597	4090±130	2870-2802 (13.8%) 2778-2550 (45.7%) 2536-2491 (8.71%)	3006-2989 (0.4%) 2930-2280 (94.0%) 2249-2232 (0.4%) 2218-2214 (0.1%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	CSIC-826	4090±45	2851-2812 (14.2%) 2742-2728 (3.8%) 2694-2572 (49.1%) 2510-2506 (1.1%)	2870-2802 (19.5%) 2778-2558 (67.9%) 2536-2491 (8.0%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	GrN-19103	4025±25	2574-2558 (17.0%) 2536-2491 (51.2%)	2618-2609 (2.0%) 2582-2474 (93.4%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	CEN-419	4020±45	2578-2476 (68.2%)	2840-2813 (3.1%) 2678-2458 (92.3%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	ICEN-933	4010±160	2860-2808 (7%) 2756-2720 (4.5%) 2704-2336 (55%) 2322-2308 (1.7%)	2919-2121 (94%) 2094-2042 (1.4%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	CSIC-825	4000±60	2620-2462 (68.2%)	2850-2812 (3.5%) 2742-2730 (0.6%) 2694-2336 (90.6%) 2322-2308 (0.7%)	Abrigo	Sanches, 1997
Buraco da Pala	GrN-19101	3955±25	2562-2536 (19.2%) 2492-2458 (49%)	2568-2518 (25.1%) 2500-2432 (56.2%) 2424-2400 (5.8%) 2381-2348 (8.3%)	Abrigo	Sanches, 1997

2.3. Lugares sepulcrais e espaços de manipulação de restos humanos

Falar dos sepulcros do Norte de Portugal, neste período de tempo (Jorge, V.O., 1989, 1991; Cruz, 1992, 1998; Sanches, 1997; Jorge, S.O., 1999a; Bettencourt, 2000, 2009b; 2010a, 2010b, 2013a) implica ter em conta, pelo menos, três aspectos: – o primeiro diz respeito a um grande vazão de dados consistentes para Trás-os-Montes e Alto Douro, em relação com o litoral (Minho e Douro Litoral), onde, apesar de tudo, se conhecem alguns contextos susceptíveis de alguma reflexão; – o segundo aspecto tem a ver com uma progressiva e global invisibilidade dos sepulcros na paisagem, associada a diferentes níveis de heterogeneidade e complexidade ritual; – o terceiro aspecto prende-se com o conhecimento, no litoral, de novos contextos tumulares a partir da segunda metade do 3^a milénio AC (podendo, em raros casos, dobrar o milénio), cuja dimensão cultural necessita de ser reavaliada (Tab. 3).

No Alto Douro, em Vale da Casa/Cerva, Vila Nova de Foz Côa, num terraço do Douro, foram descober-

tos na década de 80 do século 20 enterramentos de inumação individual em cista, cobertas por montículos de pedra, com oferendas funerárias muito discretas (artefactos líticos) (Baptista, 1983), datados da primeira metade do 3^o milénio AC (Cruz, 1998). Estas cistas poderão ser globalmente contemporâneas do momento de construção do recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão, que se encontra próximo.

Aqui, neste recinto murado, foi descoberta e estudada uma estrutura pétrea (Jorge, S.O., *et al.*, 1998-1999), provavelmente de meados do 3^o milénio AC, que continha uma deposição reveladora da manipulação de restos humanos segmentados e de ossos humanos desconectados, em associação com várias materialidades também elas intencionalmente fragmentadas e selecionadas. Esta deposição apontava claramente para uma concepção do mundo ainda apoiada em representações fluidas e difusas de poder, aliás expressas em outros contextos do recinto onde emergiam deposições com fragmentos de materialidades que haviam sido sujeitos muito

provavelmente à circulação prévia antes de entrarem neste lugar cerimonial. A estrutura com ossos humanos de Castelo Velho permite visualizar uma dimensão particular da representação colectivizante do mundo por parte destas comunidades do 3º milénio A.C., as quais se encontravam ainda imersas numa ontologia simbólica de origem neolítica. Literatura arqueológica antiga reavaliada (Sanches, 1997; Cruz, 1998; Bettencourt, 2009b; 2010a) fala ainda de tumulações em Trás-os-Montes, provavelmente mais tardias, de finais do 3º milénio ou na passagem para o milénio seguinte. Trata-se de contextos sepulcrais em cistas (Lagares, Macedo de Cavaleiros), aonde, numa delas foi encontrada uma espiral em ouro. Seguramente dos finais do 3º, inícios do 2º milénios AC é a cista do Terraço das Laranjeiras, em Torre de Moncorvo, onde o esqueleto de um juvenil, em posição fetal, foi depositado em associação com um vaso globular, liso, aparentemente, em contexto de povoado (Gaspar *et al.*, 2014).

Para buscarmos outros contextos funerários seguros em Trás-os-Montes temos de nos deslocar até à Lorga de Dine, em Vinhais, aonde conhecemos desde há muito inumações, recentemente datadas da segunda metade do 3º milénio AC, associadas a cerâmicas profusamente decoradas segundo o figurino estilístico transmontano, entre outras lisas ou com decoração plástica. Nesta região foram encontradas, ainda, outros enterramentos em grutas que se creem do 3º milénio AC pelos materiais cerâmicos e/ou ósseos e metálicos associados, como é o caso da Gruta de Ferreiros e da Gruta Grande, nas vertentes do Monte de Ferreiros, e da Gruta do Geraldo, no Monte do Geraldo, todas em Miranda do Douro (Delgado 1887, Sanches 1992).

A estes poucos contextos se resume o nosso conhecimento sobre lugares sepulcrais ou lugares onde se manipularam restos humanos em Trás-os-Montes e Alto Douro.

O litoral (Minho e Douro Litoral) foi também marcado nesta fase pela progressiva invisibilidade de contextos funerários. Contudo, desde a primeira metade do 3º milénio AC, e ao longo do milénio, que as reutilizações dos sepulcros sob *tumulus* de origem neolítica são um dado adquirido para os investigadores que se debruçaram sobre o Norte de Portugal durante este período de tempo. Estas manifestam-se através da deposição de recipientes cerâmicos (com decoração incisa/impresa metopada e campaniforme) e de artefactos líticos (alabardas/punhais,

em sílex) (Jorge, S.O., 1999a, 2002; Bettencourt, 2011). Contudo, estão por identificar contextos que nos esclareçam sobre a natureza de tais reutilizações, nomeadamente sobre a possibilidade de, a par de inumações, ocorrerem também cremações. De qualquer modo, as intrusões campaniformes em sepulcros de origem neolítica, deixam entrever a necessidade de algumas elites se rodearem, na morte, de espólios cerâmicos de prestígio suprarregional. Conhecem-se, igualmente, atividades em redor de “antigos” sepulcros megalíticos que implicaram a construção de fossas abertas no solo e a manipulação de diversos artefactos (cerâmica incisa/impresa metopada, cerâmica campaniforme, objetos metálicos, etc.) (Bettencourt, 2010b, 2011).

Também é possível que durante o 3º milénio AC se tivessem verificado enterramentos ou manipulação de restos humanos em fendas e abrigos graníticos, como no Monte da Penha, em Guimarães (Cardoso 1960; Sampaio *et al.*, 2009) e no Monte Córdova, Santo Tirso (Bettencourt, 2013a), numa tradição ancestral, se tivermos em conta os “...*mais d’uma dusia de craneos...*” associados a artefactos líticos e cerâmicos, dados como neolíticos, do Penedo da Cuba, Marco de Canaveses, na serra da Aboboreira (Sarmiento, 1982; Lima 1940). O monumento “natural” do Monte da Penha, que, pela sua impressividade e natureza dos vestígios arqueológicos aí encontrados, foi considerado estruturante na paisagem do 3º, 2º e 1º milénios AC parece ter sido, ainda, palco de inúmeras deposições cerâmicas, líticas e metálicas (Sampaio, 2014). (Tabela 3, pág. seguinte)

Durante o 3º milénio AC são construídos, de raiz, novos sepulcros que assinalam, em certas regiões, ainda que de forma esporádica e, talvez assimétrica, um processo de desarticulação das estruturas sociais de tradição neolítica. Tal é o caso da Mamoa da Aspra, em Caminha, onde, sob um *tumulus* de terra, foi aberta uma câmara em fossa (Silva, 1989), recentemente reavaliada como sendo da primeira metade/meados do 3º milénio AC, pela presença exclusiva de cerâmica campaniforme, ou do túmulo em fossa, associado a uma laje granítica, aparentemente sem *tumulus*, do lugar do Vargo, em Fafe, que continha um vaso campaniforme pontilhado geométrico (Bettencourt 2009a; 2011). A partir da segunda metade deste milénio, na serra da Aboboreira, em Baião, no interior do espaço da antiga necrópole neolítica, foram construídas câmaras cistoides sob mamoa, como Chã do Carvalhal 1 e Meninas

Tabela 3 – Datas de radiocarbono para lugares sepulcrais ou de manipulação de ossos.

Sítio	Ref.	Data BP	1 Sigma (68.2)	2 Sigma (95.4)	Contexto	Bibliografia
Vale da Casa / Cerva	GrA-8402	4140±50	2866-2831 (12.8%) 2820-2804 (5.9%) 2776-2632 (49.5%)	2878-2580 (95.4%)	Cista	Cruz, 1998
Penha	AA63061	4102±42	2851-2812 (15.7%) 2742-2728 (4.6%) 2694-2578 (47.9%)	2871-2800 (22.2%) 2792-2789 (0.3%) 2780-2567 (69.9%) 2520-2498 (3.1%)	Lugar de deposições / corpos	Sampaio <i>et al.</i> , 2009
Castelo Velho	GrN-23512	4020±100	2856-2812 (7.5.2%) 2747-2724 (3.2%) 2698-2456 (56.2%) 2417-2408 (1.2%)	2876-2292 (95.4%)	Recinto murado	Jorge, S.O. e Rubinos, 2002.
Vale Ferreiro	AA89670	3894±44	2463-2338 (65.5%) 2316-2310 (2.7%)	2479-2274 (89.4%) 2256-2208 (6.0%)	Túmulo 2	Sampaio, 2014
Meninas do Crasto 4	Média ponderada	3815±36	2334-2324 (3.7%) 2301-2199 (62.4%) 2160-2154 (2.1%)	2350-2140 (87.8%) 2406-2376 (4.1%) 2454-2418 (3.5%)	Mon. sob <i>tumulus</i>	Jorge, V.O. 1983, 1993; Jorge V.O. <i>et al.</i> , 1988
Vale Ferreiro	Ua-19728	3635±50	2120-2094 (10.4%) 2042-1930 (57.8%)	2141-1884 (95.4%)	Túmulo 1	Bettencourt <i>et al.</i> , 2005
Outeiro dos Gregos 1	CSIC-772	3620±50	2111-2104 (2.1%) 2036-1906 (66.1%)	2140-1878 (94.8%) 1838-1828 (0.6%)	Cista sob <i>tumulus</i>	Jorge, V.O. 1980
Terraço das Laranjeiras	GrA - 54501	3615±35	2026-1932 (68.2%)	2122-2093 (5.0%) 2042-1888 (90.4%)	Cista	Gaspar <i>et al.</i> , 2014
Quinta da Água Branca	Beta-230330	3570±50	2016-1996 (7.3%) 1980-1878 (55.3%) 1839-1828 (3.7%) 1792-1785 (2.0%)	2110-2105 (0.3%) 2036-1754 (95.1%)	Cista	Betencourt, 2010a

do Castro 4 (Cruz, 1992; Jorge, V.O., 1983), provavelmente associadas a inumações individuais ou restritas. No primeiro sepulcro foram encontrados, no *tumulus*, punhais de lingueta e pontas de tipo Palmela de cobre e, no espaço da câmara, cerâmica campaniforme. No segundo foi identificada na câmara uma espiral de prata. Globalmente desta fase pertencerá o sepulcro sob mamoa de Regedoura 2, em Fafe⁴, que forneceu uma ponta de tipo Palmela em cobre e um braçal de arqueiro associados a cerâmicas, essencialmente lisas, e escassas decorações campaniformes.

Numa fase ligeiramente mais tardia, entre finais do 3º/inícios do 2º milénio AC, terá sido construído, também na necrópole neolítica da serra da Aboboreira, a cista sob “cairn” de Outeiro de Gregos 1, no interior da qual foi também encontrada uma espiral

de prata associada a fragmentos de vasos tronco-cónicos (Jorge, V.O., 1980).

Neste momento de transição, de passagem do 3º para o 2º milénio A.C., foram referenciados novos tipos de sepulcros localizados em áreas distanciadadas de antigas necrópoles do 4º milénio AC. Exemplo disto é o túmulo 1 de Vale de Ferreiro, em Fafe, com câmara cistoide, rodeada de blocos de quartzos, construída no interior de uma grande fossa, aparentemente sem *tumulus* (Bettencourt *et al.*, 2005, Sampaio, 2014). De notar que o túmulo 2 de Vale Ferreiro, que forneceu um vaso atípico e duas espirais de ouro, será do terceiro quartel do 3º milénio AC, embora esta data tenha sido considerada envelhecida pelo natureza dos elementos datados (Sampaio, 2014, p. 522). Desta época charneira é a famosa cista plana da Quinta da Água Branca, em Vila Nova de Cerveira, contendo um importante espólio metálico onde se cruza a tradição meridional com a influência atlântica. Dela faziam parte um punhal de lingueta em cobre, um par de espirais e dois aros em ouro e ainda um magnífico diadema em ouro. Quinta da Água Branca acusa de forma exuberante o fim da direção tomada por algumas elites desde

4. Informação transmitida na comunicação oral intitulada “O monumento sob *tumulus* da Regedoura 2 (Fafe, Noroeste de Portugal)”, proferida por Gabriel Pereira nas VI Jornadas de Arqueologia do Vale do Douro: Do Paleolítico à Idade Média, Associação Científico – Cultural Zamoraprotostória e Lab2PT, Porto, 17-19 de novembro, 2016.

a segunda metade do 3º milénio A.C.: a escolha de novos sepulcros (em novos espaços ou ainda em espaços tradicionais), com ou sem *tumuli*, albergando inumações individuais ou restritas, associadas a espólios funerários simbolicamente diferenciadores, sob a forma da presença de armas em cobre e joias em prata e ouro, de âmbito suprarregional. A tumulação individual com estas características manifesta um claro sintoma do paulatino processo de inversão das estruturas sociais de poder ainda durante o 3º milénio AC.. É um indicador, a par de outros, do incremento e agudização de tensões sociais que caracterizam toda a segunda metade do 3º milénio AC, em que ainda no interior da mundividência tradicional algumas elites/personagens se destacam pela ostentação de símbolos de poder exteriores ao círculo local e regional.

2.4. O papel da metalurgia

A produção de alguns, raros, artefactos, em cobre ou em ouro, encontra-se registada, pelo menos, desde a primeira metade do 3º milénio AC. Trata-se duma produção de carácter fundamentalmente doméstica (embora possa ocorrer em contextos cerimoniais como, por ex., na última fase de uso do abrigo do Buraco da Pala), recorrendo a matérias-primas locais, e no quadro duma tecnologia metalúrgica incipiente. A prática metalúrgica visava então uma produção local, sobretudo de artefactos de cobre, como punções, cinzéis, machados, facas e, mais raramente, de objetos de adorno, como contas de ouro. Nesta fase mais antiga tais artefactos de prestígio não parecem ter ocupado um papel particularmente relevante ou decisivo na potenciação da diferenciação social ou na ascensão de determinados grupos ou elites. Ao contrário, a partir de meados e ao longo da segunda metade do 3º milénio AC é notório o desenvolvimento da metalurgia a diversos níveis. Em primeiro lugar, a prática metalúrgica invadiu os lugares funerários conhecidos, para além da sua expansão em contextos domésticos e cerimoniais. Em segundo lugar, apareceram agora armas em cobre, e também, nos finais do milénio, joias de prata e ouro que, em conjunto, pressupunham técnicas muito mais complexas, eventualmente adquiridas através de contactos trans-regionais. Em terceiro lugar, a produção, intercâmbio e uso do metal em cenários sepulcrais e cerimoniais, permitiu e incentivou a diferenciação social, num quadro de progressiva tensão/competição intra e intercomunitária.

A metalurgia do 3º milénio AC não fala a uma só voz. Ela relaciona-se não apenas com diversos estádios de complexidade social, como se integra em, pelo menos, duas cosmovisões do mundo: a de tradição neolítica, tendencialmente coletivizante e horizontal, até meados do milénio, e uma outra, ancorada na afirmação individual do poder, em ruptura com a velha representação do mundo, a partir da segunda metade do 3º milénio. Admitimos que esta divisão não se processou ao mesmo tempo em todo o Norte de Portugal. Terá mesmo havido regiões inteiras que só muito tarde foram tocadas por esta dinâmica, e outras que se manifestaram precoces na sua adopção. O metal, em si mesmo, não pode ser encarado como um indicador específico de descontinuidade cultural. A avaliação do peso relativo do seu estatuto diferenciador tem de se submeter a um juízo interpretativo resultante da articulação ponderada de múltiplas variáveis.

2.5. Lugares com arte rupestre

Sintetizar a arte rupestre vigente no 3º milénio no Norte de Portugal não é tarefa fácil dada a diversidade de expressões iconográficas existentes e as dificuldades inerentes à sua datação. No entanto, a um ampla escala de análise, podemos considerar que, quer em abrigos ou outro tipo de cavidades, quer em afloramentos ao ar livre, naturalmente com diferentes significações, muitos lugares foram pintados ou gravados com motivos geométricos, antropomorfos esquematizadas, raros zoomorfos, figuras oculadas, entre outros. Trata-se da Arte Esquemática Ibérica, de fundo neolítico, mas que diversos autores aceitam ter-se prolongado pelo 3º milénio AC (Sanches, 1997, 2002, 2006; Sanches *et al.*, 2016; Alves, 2003, 2009; Teixeira, 2012; Figueiredo, 2013; Cardoso, 2015; Cardoso e Bettencourt, 2016, etc.). Regionalmente esta hipótese assenta, essencialmente, em três tipos de argumentos. Um deles, é a coexistência ou proximidade de alguns *loci* pintados ou gravados com ocupações deste período, como é o caso, por exemplo, do Buraco da Pala (Sanches, 1997, 2006), do Cachão da Rapa, em Carrazeda de Ansiães (Santos Júnior, 1933; Sanches, 1997; Teixeira, 2012, etc.), de Penas Róias, no Mogadouro (Almeida e Mourinho, 1981; Jorge, S.O., 1986; Sanches, 1992, 1997; Teixeira, 2012, etc.), da Fraga da Pena, em Fornos de Algodres (Valera, 2016) ou da Casa do Moro/El Pedroso, em Zamora (Bradley *et al.*, 2005; Alves, 2009; Alves, *et al.* 2013), na fronteira com Portugal. Outro

argumento baseia-se no aparecimento de representações de oculados, pintados, nos abrigos da Serra de Passos 1/Regato das Bouças 15, Serra de Passos 3/Regato das Bouças 11 (Figueiredo, 2013; Sanches *et al.*, 2016), Regato das Bouças 1 e 2 (Sanches *et al.*, 2016), todos em Mirandela, motivos estes comuns em recipientes cerâmicos inseríveis em contextos do 3º milénio AC regional. Um terceiro argumento resulta da aplicação de métodos estatísticos ao inúmero reportório esquemático do Nordeste Trasmontano (Figueiredo, 2013).

A interpretação destes sítios é igualmente difícil de estabelecer. Para os abrigos da serra de Passos/Santa Comba, Sanches (2002) e Sanches *et al.* (2016) defenderam a hipótese de que se vinculariam a zonas de passagem entre o vale, de vivência agro-pastoril, e as áreas mais altas da serra de natureza distinta. Alves (2009) considera a hipótese de que os lugares pintados se destinariam a acolher deposições, do tipo deposições relíquias ou ossários. Adotando hipótese defendida por Bueno Ramírez e Balbín Berhmann, a partir de 1992, Figueiredo (2013) considera que alguns abrigos pintados poderiam vincular-se ao mundo dos mortos. Também Bradley *et al.* (2005) consideram a possibilidade da Casa do Moro/El Pedroso se relacionar com enterramentos. Cardoso (2015) e Cardoso e Bettencourt (2015) verificaram que a arte esquemática de ar livre do vale do Ave se relaciona com lugares de passagem, nascentes e cursos de água, no que poderá traduzir uma simbólica animista do mundo. Seja como for, pinturas e gravuras em abrigos ou fendas teriam significação distinta de gravuras em afloramentos ao ar livre, representando, certamente, formas diversas mas complementares de celebrar ou invocar divindades ou espíritos. A arte dos abrigos estaria mais relacionada com cerimónias ocultas e destinadas a um público restrito (Alves, 2009), enquanto os sítios de ar livre possibilitariam cerimónias de maior audiência.

Para o litoral a arte esquemática partilha o espaço, pelo menos em parte, com a arte atlântica cujas origens neolíticas têm sido defendidas por paralelos com alguns motivos da arte megalítica (Alves, 2003, 2009; Cardoso, 2015, etc.). Assim, se aceitarmos que, pelo menos a partir do 4º milénio AC, houve dois grandes estilos artísticos em simultâneo, no Norte de Portugal (a arte esquemática pintada e gravada e a arte atlântica) o que fica por explicar é a natureza dessa distinção espacial que, talvez se possa e deva articular, quer com os diferentes tipos de ma-

terialidades encontradas nos monumentos megalíticos do interior e do litoral (Cardoso, 2015), quer com os diferentes estilos das decorações cerâmicas do 3º milénio AC, representativos de diferentes fenómenos de identidade.

Questão importante para o objetivo deste trabalho é o término destas diferentes gramáticas decorativas. Para o grande e impressionante *locus* da Serra de Passos, com inúmeros abrigos pintados, tem-se colocado a hipótese de que deixam de estar ativos, genericamente, durante o 3º milénio AC (Sanches (1997, 2002, 2006; Sanches *et al.*, 2016). Já para o Nordeste Trasmontano, em geral, Figueiredo (2013) considera que o seu grupo II terminará pelos finais do 3º, inícios do 2º milénios AC. É provável que os poucos afloramentos com alabardas⁵ e punhais gravados que se conhecem em Trás-os-Montes (Figueiredo, 2013) tenham sido introduzidos algures na segunda metade do 3º milénio AC, mas a sua menor representatividade no interior, face ao litoral, poderá indicar, nesta área, fenómenos de resistência à ideologia subjacente à sua “exposição”.

No Noroeste litoral a gramática atlântica parece perder importância a partir do momento em que se gravam alabardas e punhais, entre outros símbolos difíceis de decifrar, em diversos afloramentos, alguns deles com declives acentuados, numa lógica distinta das superfícies horizontais da arte atlântica (Bettencourt, 2017). Por vezes são gravados em sítios *ex-nihilo*, noutros ocorrem em lugares próximos de afloramentos com arte atlântica ou partilham o mesmo espaço iconografado, neste caso, sendo marginais ou mostrando sulcos tecnologicamente distintos, no que tem vindo a interpretar-se como a marcação de novos lugares ou a reintegração simbólica de “velhos” lugares, num novo processo de afirmação de identidade e de territorialização (Bettencourt, 2009a, 2013, 2017).

Em suma, algures na segunda metade do 3º milénio AC, novas cosmogonias de origem mediterrânica e atlântica ter-se-ão tornado mais ou menos visíveis no Norte de Portugal, consoante a maior ou menor permeabilidade e “interesse” das populações locais em aceitar as novidades. Assim a arte rupestre de fundo neolítico terá começado a perder expressão a

5. De registar que as alabardas de tipo Carrapatas são consideradas aparentadas com as britânicas e irlandesas, inseridas, por várias datas de radiocarbono, na segunda metade do 3º milénio AC (Needham *et al.*, 2015).

partir da segunda metade do 3º milénio AC, sobretudo no litoral, acompanhando as alterações sociais verificadas, para ser substituída, ao longo do 2º milénio AC e início do 1º milénio AC, por outras iconografias (Bettencourt, 2017).

3. CONCLUINDO

Durante a primeira metade do 3º milénio AC vemos aparecer no Norte de Portugal novas arenas de afirmação de poder no seio das comunidades de tradição neolítica. Do litoral ao interior são construídos recintos monumentais de diversas tipologias que, pela localização, dimensão e arquitetura, “rasgam” pela primeira vez a paisagem a uma escala nunca antes ensaiada. Nestes novos dispositivos arquitectónicos, como também no interior de abrigos naturais, situados em posições altaneiras, ocorrem novas práticas cerimoniais: encenam-se deposições de artefactos (inteiros ou fragmentados), e ainda, em determinados contextos fechados, a deposição seletiva de “coisas” fragmentadas, como, por ex., ossos humanos, sementes, pesos de tear, fragmentos cerâmicos, etc. Estes novos lugares cerimoniais articulam-se certamente com lugares de arte rupestre (em abrigos e ao ar livre), no âmbito das designadas artes esquemática e atlântica, que, tendo uma provável origem neolítica, continuam ativas ao longo do 3º milénio AC. Apesar dos contextos funerários perderem monumentalidade, expressam, nesta primeira metade do 3º milénio, elevados níveis de heterogeneidade e complexidade ritual. A par de reutilizações de monumentos/espacos neolíticos, conhecem-se novos sepulcros ou formas de enteramento e de manipulação de restos humanos. Estes lugares deixam entrever novas práticas funerárias, em articulação com diversas fórmulas de afirmação identitária, expressas também em outros lugares albergando específicas práticas cerimoniais (recintos monumentais e abrigos com localizações dominantes). A presença de cerâmica campaniforme e oculada em praticamente todos os contextos (povoados, recintos, abrigos, lugares sepulcrais), assim como de alguns artefactos de cobre (machados, por exemplo), diz-nos que, durante esta primeira fase, em todo o Norte de Portugal, as comunidades manuseiam, a par de símbolos locais, elementos com estatuto diferenciador trans-regional, no âmbito da gestão de mecanismos de consolidação identitária. A segunda metade do 3º milénio AC, tanto quanto

conhecemos atualmente, não parece evidenciar, em Trás-os-Montes e Alto Douro, nenhuma alteração significativa no que respeita às aquisições da primeira metade do milénio. Os recintos murados investigados no Alto Douro e em Trás-os-Montes continuaram a ser reutilizados segundo padrões cerimoniais similares até ao fim do milénio. É certo que outros lugares da primeira metade do 3º milénio deixam de ser agora usados (abrigos e, eventualmente, lugares de arte rupestre), mas teremos de atingir um período de transição entre o 3º e o 2º milénio AC para, nesta vasta região, começarmos a visualizar os primeiros indícios expressivos de mudança, nomeadamente ao nível de lugares sepulcrais, recintos reutilizados, povoados, ou até mesmo lugares com arte rupestre. O interior do Norte de Portugal parece, a uma ampla escala de análise, respeitar as mesmas dinâmicas sociais ao longo de quase todo o 3º milénio AC.

Ao contrário, no litoral (Minho e Douro Litoral), durante a segunda metade do 3º milénio AC, a par da continuidade de alguns contextos tradicionais, vemos surgir novos lugares sepulcrais, no interior de necrópoles neolíticas ou fora delas, integrando variadas arquiteturas, associados a inumações individuais ou restritas, e onde ocorrem pela primeira vez armas em cobre e/ou adornos em prata e ouro. Por outro lado, deverá ser desta etapa a gravação de punhais e alabardas (entre outros motivos difíceis de identificar) em novos lugares ou em lugares gravados anteriormente. O litoral do Norte de Portugal, tanto quanto podemos inferir a partir destes dados, terá sido palco mais cedo, no âmbito da segunda metade do 3º milénio, de tensões sociais promotoras da ascensão de elites que assegurariam também a liderança de novos contactos trans-regionais. Contudo, estamos cientes do carácter provisório que a hipótese de assimetria entre litoral e interior, durante esta fase, encerra. De facto, ela tanto pode refletir uma diferença de fundo (um litoral socialmente tenso e aberto ao exterior *versus* um interior socialmente estável e virado sobre si próprio), como resultar tão só de parcelares identificações arqueológicas, fruto de diferentes e casuísticos estádios de investigação. Designar comunidades tradicionais do 3º milénio AC como calcólicas, e outras, onde se verificaram mudanças sociais (como as verificadas no litoral durante a segunda metade do 3º milénio AC), como do Bronze Inicial, poderia e deveria suscitar um amplo debate em torno dos conceitos que se subjazem a tais nomenclaturas. Embora tal debate não esteja

nos objectivos deste texto, cremos que as designações clássicas de Calcolítico e Bronze Inicial induzem à admissão da existência duma potencial fratura entre estádios de desenvolvimento cultural que, de facto, não reconhecemos no Norte de Portugal em nenhum momento do 3º milénio. As mudanças verificadas durante a última fase do 3º milénio, parecem assumir-se como sintoma duma rotação dos mecanismos de poder, ainda no interior da mundividência tradicional.

O longo período de tempo tratado neste texto (entre os finais do 4º e finais do 3º milénio AC) encerra, ainda que assumindo formas específicas e desiguais nas diversas regiões que constituem o Norte de Portugal, dispositivos de mudança que permitirão a reconfiguração posterior das comunidades durante o 2º milénio AC. Na continuidade de longa duração, vemos emergir pontos ambivalentes e contraditórios de tensão que vão potenciar, a partir de dentro, o desmantelamento progressivo das estruturas sociais anteriores. Como em todas as fases de transição, a heterogeneidade cultural manifesta-se de forma ambígua e assimétrica, oferecendo não raras vezes resistência na sua captura.

Porto/Braga, junho de 2017

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos e MOURINHO, António (1981) – Pinturas esquemáticas de Penas Róias. Terra de Miranda do Douro. *Arqueologia*, 3, pp. 43-48.
- ALVES, Lara B. (2003) – *The Movement of Signs. Post-Glacial Rock Art in North-western Iberia*. Reading: University of Reading.
- ALVES, Lara B. (2009) – O Sentido dos signos – reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre Pós-Glaciário no Norte de Portugal. In RODRIGO BALBÍN, Behrman ed. – *Arte Prehistórica al aire libre en el Sur de Europa, Castilla y León*: Consejería de Cultura da Junta de Castilla y León, pp. 381-490.
- ALVES, Lara B.; COMENDADOR, Beatriz (2009) – Rochas e metais para além da físico-química. In BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara B. eds. – *Dos Montes, das Pedras e das Águas. Formas de Interação com o Espaço Natural da Pré-história à Actualidade*. Braga: CITCEM/APEQ, pp. 37-54.
- ALVES, Lara B.; BRADLEY, Richard; FÁBREGAS VALCARCE, R. (2013) – Tunnel Visions: a decorated Cave at El Pedroso, Castile, in the light of fieldwork, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 79, pp. 193-224.
- BAPTISTA, António M. (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia* 8, pp. 57-69.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (1995) – Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal, In JORGE, Susana O. coord. – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*, Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 110-115.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2000) – *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2005a) – The early farmers and shepherds of North-west Portugal: the Neolithic and the Calcolithic. In SILVA, Isabel; MINEIRO, C. coord. – *D. Diogo de Sousa. Regional Museum of Archaeology. Guide*. Lisboa: Instituto Português dos Museus, pp. 28-35.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2005b) – The Bronze Age in North-west Portugal, In SILVA, Isabel; MINEIRO, C. coord. – *D. Diogo de Sousa. Regional Museum of Archaeology. Guide*. Lisboa: Instituto Português dos Museus, pp. 36-41.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2009a) – A Pré-história do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. In PEREIRA, Paulo coord. – *Minho. Traços de Identidade*, Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, pp. 70-113.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2009b) – Práticas funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza Oriental, *Atas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia. Outubro de 2008* [Revista *Aquae Flaviae*, nº 41], Chaves: 11-23.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2010a) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: una análisis a partir de las prácticas funerárias, *Trabajos de Prehistoria* 67 (1): 139-173.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2010b) – Comunidades pré-históricas da bacia do Leça. In VARELA, José; PIRES, Conceição coords. – *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, pp. 33-88.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2011) – El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologias y significados, In PRIETO-MARTÍNEZ, Maria del Pilar; SALANOVA, Laure eds. – *Las Comunidades Campaniformes en Galicia. Cambios Sociales en el III y II Milenios BC en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, pp. 363-374.
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2013) – *A Pré-história do Noroeste Português / The Prehistory of the North-western Portugal*, Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 2, Braga/Tomar: CEIPHAR/CITCEM (E. bilingue).
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2017) – Post-Palaeolithic rock arts of Northwestern Portugal: an approach., In BETTENCOURT, Ana M. S.; SANTOS-ESTEVEZ, Manuel; SAMPAIO, Hugo Aluai; CARDOSO, Daniela (eds.), *Recorded*

- Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*, British Archaeological Reports – BAR, Oxford: Archeopress.
- BETTENCOURT, Ana M. S.; LUZ, Sara (2013) – A corded-mixed bell beaker vase at the monumental enclosure of Forca, Maia, North of Portugal. In PRIETO-MARTÍNEZ, Maria del Pilar; SALANOVA, Laure eds. – *Currents Researches on Bell Beakers. Proceedings of 15th International Bell Beaker Conference: From Atlantic to Ural 5th-9th May 2011, Poio (Pontevedra, Galicia, Spain)*. Santiago de Compostela: ArchaeoPots: wikipot.com, pp. 15-20.
- BETTENCOURT, Ana M. S.; RODRIGUES, Alda; SILVA, Isabel S.; CRUZ, Carlos S.; DINIS, António (2005) – The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, 7, pp. 157-175.
- BETTENCOURT, Ana M. S.; DINIS, António FIGUEIRAL, Isabel; RODRIGUES, ALDA; CRUZ, Carlos S. SILVA; Isabel S.; AZEVEDO, Marta; BARBOSA, Rui (2007) – A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-história Recente do Noroeste de Portugal, In JORGE Susana O., Bettencourt, Ana M. S.; Figueiral, Isabel eds. – *A Concepção das Paisagens e dos Espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro: Universidade do Algarve, pp. 149-164.
- BOSCH GIMPERA, Pere (1932a) – *Etnologia de la Península Ibérica*, Barcelona: Editorial Alpha.
- BOSCH GIMPERA, Pere (1932b) – La Edad del Bronce en la Península Ibérica, *Investigación y Progreso*, 6 (10), pp. 145-148.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN, BERHMANN, Rodrigo de (1992) – L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*, 96, pp. 499-572.
- BRADLEY, Richard; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; ALVES, Lara; VILASECO VÁZQUEZ, X. (2005) – El Pedroso a prehistoric cave sanctuary in Castille. *Journal of Iberian Archaeology*, 7, pp. 125-156.
- CARDOSO, Daniela (2015) – *A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave – Noroeste Português*. Vila Real: Universidade de Vila Real e Trás-os-Montes (Tese de Doutoramento).
- CARDOSO, Daniela; BETTENCOURT, Ana M. S. (2015) – Arte “Esquemática” de ar livre na bacia do Ave (Portugal, NO Ibérico): espacialidade, contexto, iconografia e cronologia, *Estudos do Quaternário*, 13, pp. 32-47.
- CARDOSO, João C. M. (2007) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – um recinto monumental do III^o e II milénios a.C.: problemática do sítio e das suas estruturas à escala regional*. Porto: Universidade do Porto (Tese de doutoramento – policopiada).
- CARVALHO, António F. (2003) – O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996–2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (2), pp. 229–273.
- COFFY, André (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris: Diffusion de Boccard.
- CRUZ, Domingos J. (1992) – *A mamoa 1 de Chã de Carvalho, no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- CRUZ, Domingos J. (1998) – Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénios AC), In *A Pré-História da Beira Interior* [Estudos Pré-Históricos, 6], pp. 149-166.
- DELGADO, Joaquim Filipe N. (1887) – Jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos, Comissão dos Trabalhos dos Serviços Geológicos de Portugal, 2 (1), Lisboa.
- FIGUEIREDO, Sofia (2013) – *A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano: Contextos e Linguagens*, Braga. Universidade do Minho (Tese de Doutoramento – policopiada).
- GASPAR, Rita; RIBEIRO, Ricardo; REBELO, Paulo; NETO, Nuno; CARVALHO, M. Luís (2014) – Bronze Age funerary contexts In Northeast Portugal. Terraço das Laranjeiras (Sabor Valley), in BETTENCOURT, Ana M. S.; COMENDADOR, Beatriz; SAMPAIO, Hugo A; SÁ, E. eds. – *Corpose Metais na Fachada Atlântica da Ibéria*, Braga: APEQ/CITCEM, pp. 53-66.
- HARRISON, Richard J. (1974) – Ireland and Spain in the Early Bronze Age, *Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland*, 104, pp. 52-73.
- JORGE, Susana O. (1986) – *Povoados da Pré-história Recente (III. inícios do II. Milénios a. C.) da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- JORGE, Susana O. (1990a) – Dos últimos caçadores-recolectores aos primeiros produtores de alimentos. In ALARCÃO, Jorge coord. – *Portugal, das Origens à Romanização. Nova História de Portugal*, vol. I, Lisboa: Presença, pp. 75-101.
- JORGE, Susana O. (1990b) – A consolidação do sistema agro-pastoril, In ALARCÃO, Jorge coord. – *Portugal, das Origens à Romanização. Nova História de Portugal*, vol. I, Lisboa: Presença, pp. 102-162.
- JORGE, Susana O. (1990c) – Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia, In ALARCÃO, Jorge coord. – *Portugal, das Origens à Romanização. Nova História de Portugal*, vol. I, Lisboa: Presença, pp. 163-212.
- JORGE, Susana O. (1990d) – Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios, In ALARCÃO, Jorge coord. – *Portugal, das Origens à Romanização. Nova História de Portugal*, vol. I, Lisboa: Presença, pp. 213-251.

- JORGE, Susana O. (1994) – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, *Revista da Faculdade de Letras*, 2ª série, 11, pp. 447-546.
- JORGE, Susana O. (1995) – Introdução, In JORGE, Susana O. coord. – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*, Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 16-20.
- JORGE, Susana O. (1999a) – *Domesticar a Terra. As Primeiras Comunidades Agrárias em Território Português*. Lisboa: Gradiva.
- JORGE, Susana O. (1999b) – Cabeço da Minha (Vila Flor, Portugal): a Late Prehistoric sanctuary with “stelai” of the Iberian Peninsula, In *Gods and Heroes of the Bronze Age. Europe at the time of Ulysses*, Londres, Thames and Hudson: 137-141.
- JORGE, Susana O. (2002) – Um vaso campaniforme cordado no Norte de Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa). Breve notícia, *Revista da Faculdade de Letras*, 1ª série, 1, pp. 27-50.
- JORGE, Susana O. (2003) coord. – Pensar o espaço da Pré-história Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, In JORGE, Susana O. coord. – *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra: DCTP (FLUP), CEAUCP, pp. 13-50.
- JORGE, Susana O. (2005) – *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Porto: Edições Afrontamento.
- JORGE, Susana O. (2014) – Enclosures and funerary practices: about an archaeology in search for the symbolic dimensions of social relations, In VALERA, António C. ed. – *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, BAR International Series – 2676: Oxford: archaeopress, pp. 71-82.
- JORGE, Susana O.; RUBINOS, António (2002) – Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão: os dados e os problemas, *Côavisão*, 4, pp. 95-111.
- JORGE, Susana O.; JORGE, Vítor O. (2006a) – *Agricultores e pastores fixados no território (do Neolítico médio ao Bronze médio)*, In ALMEIDA, Carlos A. B. coord. – *História do Douro e do Vinho do Porto (Volume I). História Antiga da Região Duriense*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 164-187.
- JORGE, Susana O.; JORGE, Vítor O. (2006b) – Sociedades hierarquizadas, sociedades estratificadas?, In ALMEIDA, Carlos A. B. coord. – *História do Douro e do Vinho do Porto (Volume I). História Antiga da Região Duriense*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 164-187.
- JORGE, Susana O.; OLIVEIRA, Maria de Lurdes; NUNES, Susana A.; GOMES, Sérgio (1998-1999) – Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), *Portugália*, nova série, 19-20, pp. 29-70.
- JORGE, Vítor O. (1980) – Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião, *Portugália*, nov. série 1, pp. 9-28.
- JORGE, Vítor O. (1983) – Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto. Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, 7, pp. 23-38.
- JORGE, Vítor O. (1993), Novas datas de C14 para estações pré-históricas do Norte de Portugal, *Revista de História da Faculdade de Letras-História*, 2ª série, 10, pp. 417-432.
- JORGE, Vítor O. (1989) – Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista de História da Faculdade de Letras-História*, 2ª série, 6, pp. 365-443.
- JORGE, Vítor O. (1991) – Necrópole pré-histórica da Aboboreira (distrito do Porto). Uma hipótese de diacronia. *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Lisboa: IICT, pp. 205-213.
- JORGE, Vítor O.; ALONSO, Fernan; Delibrias, German (1988) – Novas datas de Carbono 14 para mamoas da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 18, pp. 95-98.
- JORGE, Vítor O.; CARDOSO, João M.; PEREIRA, Leonor S.; COIXÃO, A. S. (2003) – A propósito do recinto monumental de Castanheiro de Vento (Vª Nª de Foz Côa), In JORGE, Susana O. coord. – *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra: DCTP (FLUP), CEAUCP, pp.79-113.
- LIMA, Augusto C. P. 1940) – A correspondência Martins Sarmento-Padre Joaquim Pedrosa, *Revista de Guimarães*, 50 (1-4), pp. 77-105, 182-214.
- LOPES, Susana S.R. (no prelo) – *Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão* [Revista DigITAR on-line, Monografias, 1], Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MACWHITE, Eóin (1951) – Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce, Madrid, Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre.
- McFAYDEN, Lesley K. (2016) – Actions in time: after the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho de Freixo de Numão, *Estudos do Quaternário*, 15, pp. 71-90.
- NEEDHAM, Stuart; DAVIS, Mary; GWILT, Adam; LODWICK, Mark; PARKES, Phil; REAVILL, Peter (2015) – A Hafted halberd excavated at Trecastell, Powys: from undercurrent to uptake – the emergence and contextualisation of halberds in Wales and North-west Europe, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 81, pp. 1-42.
- REIMER, P.J.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWELL, P.G.; BRONK RAMSEY, C.; GROOTES, P.M.; GUILLERSON, T.P.; HAFLIDASON, H.; HADJAS, I.; HATT, C.; HEATON, T.J.; HOFFMANN, D.L.; HOGG, A. G.; HUGHEN, K.A. KAISER, K.F.; KROMER, B.; MANNING, S.W.; NIU, M.; REIMER, R.W.; RICHARD, D.A.; SCOTT, E.M.;

- SOUTHON, J.R.; STAFF, R.A.; TURNEY, C.S.M.; VANDERPLICHT, J. (2013) – IntCal3 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0-50,000 Years cal. BP. *Radiocarbon*, 55 (4).
- RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1984) – *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*. Madrid: Universidad Complutense (Tese de doutoramento).
- RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1987) – Bronce Atlántico y «cultura» del Bronce Atlántico en la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*, 44: 251-264.
- SAMPAIO, Hugo A. (2014) – *A Idade do Bronze na Bacia do Rio Ave (Noroeste de Portugal)*, Braga: Universidade do Minho (Tese de doutoramento – policopiada).
- SAMPAIO, Hugo A.; BETTENCOURT, Ana M.S.; ALVES, Maria Isabel (2009) – O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de comemoração do espaço na Pré-história da bacia do Ave. In BETTENCOURT, A. M. S.; ALVES, Lara B. eds. – *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade*, Braga: CITCEM/APEQ, pp. 55-76.
- SANCHES, Maria de Jesus (1992) – *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Porto: GEAP.
- SANCHES, Maria de Jesus (1997) – *A Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, 2 vols. Porto: SPAE.
- SANCHES, Maria de Jesus (2002) – Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in Late prehistory, *ARKEOS*, 12, pp. 65-105.
- SANCHES, Maria de Jesus (2006) – Sociedades em mudança. Dos caçadores-recolectores aos mais antigos agricultores, In ALMEIDA, Carlos A. B. coord. – *História do Douro e do Vinho do Porto (Volume I). História Antiga da Região Duriense*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 80-105.
- SANCHES, Maria de Jesus (2006) – Abrigos com pinturas esquemáticas da serra de Passos/Santa Comba, In ALMEIDA, Carlos A. B. coord. – *História do Douro e do Vinho do Porto (Volume I). História Antiga da Região Duriense*. Porto: Edições Afrontamento pp. 124-127.
- SANCHES, Maria de Jesus (2008) – *O Crasto de Pallheiros (Fragada do Crasto)*, Murça Portugal, Murça: Câmara Municipal.
- SANCHES, Maria de Jesus (2011) – As estelas antropomórficas de Picote-Miranda do Douro (Trás-os-Montes), In VILAÇA, Raquel, *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*, Sabugal: CMS/CEAUCP/IA-FLUC, pp. 143-174.
- SANCHES, Maria de Jesus; MORAIS, Pedro R.; TEIXEIRA, Joana C. (2016) – Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos/Sta. Comba (Nordeste de Portugal), In SANCHES, Maria de Jesus; CRUZ, Domingos eds. – *Actas da II Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história (Porto, Nov. 2011)*, [Estudos Pré-históricos 18], pp. 71-117
- SANTO OLLALA, Julio M. (1941). *Esquema Paleontológico de la Península Hispánica*. Madrid
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1933) – O abrigo pintado da Pala Pinta, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 6 (2), pp. 33-43.
- SARMENTO, Francisco M. (1982) – Sepultura Pré-histórica em Soalhães. *A Vida Moderna*, 2: 198.
- SAVORY, Hubert N. (1951) – A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa, *Revista de Guimarães*, 61, 3-4: 323-377.
- SAVORY, Hubert N. (1974) – *Espanha e Portugal*. Lisboa: Verbo.
- SILVA, Eduardo Jorge L. (1989) – Escavação da Mamoa de Aspra. Vila Praia de Âncora (Caminha). *Revista de Ciências Históricas*, 4, pp. 13-38.
- SOUSA, Orlando (1996) – *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*, Porto: Universidade do Porto (Dissertação de mestrado – policopiada).
- SOUSA, Orlando (1997) – A estação arqueológica do Cabeço da Mina, Vila Flor- notícia preliminar, Vila Real, *Revista de Estudos Transmontanos e Durienses*, 7, pp. 185-197.
- TEIXEIRA, Luísa M. O. (2012) – *Abrigos com pinturas rupestres de Trás-os-Montes e Alto Douro (Pala Pinta, Penas Róias e Cachão da Rapa). Paisagens, signos e cultura material*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (dissertação de mestrado).
- VALE, Ana M.A. (2011) – *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, Porto: Universidade do Porto (Tese de doutoramento).
- VALERA, António C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*, Braga: Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- VALERA, António C. (2016) – *Fraga da Pena. Architecture of a granitic tor in the 3rd millennium*, In SANCHES, Maria de Jesus e CRUZ, Domingos J. eds. – *Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história (Porto, Nov. 2011)*, [Estudos Pré-históricos, 18], pp 119-129.
- VALERA, António Carlos; REBUGE, João 2008 – Datação de B-OSL para o fosso 1 do sítio Calcolítico do Lugar da Forca (Maia). *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1, pp.11-12.
- VIEIRA, Alexandra M. F. (2015) – *Contributo para o Estudo dos Vestígios Arqueológicos do VI ao I milénio AC. Paisagens e Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro*, Porto: Universidade do Porto (Tese de doutoramento).

